



EXECUÇÕES EM SÉRIE

Cinco mortos na fronteira com o Paraguai

Vereador e filha de governador de país vizinho estão entre as vítimas de atiradores

PARA
ACESSAR
A PONTE
O CELULAR
PARA
O QR CODE

FOTOS DE EDILSON DANTAS

CIDADE DOS SEM-TETO

Enquanto pandemia arrefece, ONG diz que há 66 mil pessoas nas ruas de SP



“A Covid passa, mas a fome não. Uma refeição não é menos de R\$ 15. O novo normal, pra gente, pode ser um novo desastre”

Lafaiete Oliveira, gerente de obras desempregado

“Há muito mais gente nas ruas, nas praças, embaixo de viadutos. Precisamos garantir ações permanentes”

Robson Mendonça, presidente do MEPSR

EDUARDO GRAÇA
eduardo.graca@oglobo.com.br
SÃO PAULO

A fila começa às 11h no alto da rua José Bonifácio, perto da Sé. Uma hora e meia depois, dá a volta pela São Bento e termina na frente da prefeitura de São Paulo. São mais de 700 pessoas em busca de marmitas. O Brasil que sobe a ladeira da rua batizada com o nome do Patriarca da Independência é preto, pardo, branco, doente, grávido, velho, novo, de todos os gêneros. E faminto.

Cálculo do Movimento Estadual da População em Situação de Rua (MEPSR-SP) dá conta de que já são mais de 66 mil pessoas sem teto na cidade mais rica do país, quase três vezes mais do que o total do censo oficial, de dois anos atrás. É a população de uma cidade como Andradina, no interior de São Paulo, Três Pontas, em Minas, ou Paracambi, no Rio.

—A Covid passa, mas a fome não. Uma refeição agora não sai por menos de R\$ 15. O novo normal, para a gente, pode ser um novo desastre — diz Lafaiete Oliveira, 50 anos, gerente de obras desempregado.

A população que está nas ruas de São Paulo teme que o ruim fique pior. E que o bem-vindo enfraquecimento da pandemia sepulte programas emergenciais, sem a implementação de políticas públicas permanentes para combater a fome.

A maior parte da água, arroz, feijão, verdura e frango que fizeram o almoço de quarta-feira no posto do MEPSR vem da Rede Cozinha Cidadã, programa criado pelo município em abril de 2020.

—Mas como não há distribuição de comida de noite, guardo um pouco para a janta— conta Maria, 26, que omite o sobrenome, pois “lá não sabem que vivo na praça”.

“Lá” é Guarulhos, onde trabalhava em uma padaria fechada no começo da pandemia. Oito meses depois, migrou para as ruas. Além de não ter dinheiro para o aluguel, faltava também para comprar gás e cozinhar.

AJUDA EMERGENCIAL

Os números fornecidos pela prefeitura dimensionam a tragédia: o Rede Cozinha Cidadã já distribuiu, em um ano e meio, 222 mil litros de água e 3,9 milhões de refeições, um investimento de R\$ 40 milhões para os que estão na rua. São 10 mil quentinhas produzidas diariamente em parceria com restaurantes credenciados, que recebem R\$ 10 por refeição fornecida. Combate-se a insegurança alimentar ajudando estabelecimentos em

risco de colapso após a diminuição de clientes.

Porém, o programa é emergencial. Os contratos terminariam em 25 de setembro e o presidente do MEPSR, Robson Mendonça, acorrentou-se à sede da prefeitura para pressionar por uma prorrogação. A Defensoria Pública e o Ministério Público estaduais pediram esclarecimentos na Justiça, e a prefeitura informou a intenção de direcionar os benefícios para o programa estadual Bom Prato. Que, de acordo com as ONGs, não teria como atender a demanda. Após negociar com vereadores, o prefeito Ricardo Nunes (MDB) prometeu manter o projeto até dezembro.

Na quinta-feira, houve novo protesto. Questionada pelo GLOBO, a prefeitura informou em nota que, desde março de 2020, distribuiu 5,1 milhões de cestas básicas para famílias em extrema vulnerabilidade no Programa Cidade Solidária, do qual faz parte o

Cozinha Cidadã, que “está em transição”. E sua extensão Comunidades, voltada para a periferia, distribuiu outras 2,3 milhões de refeições.

—Observamos novos rostos famintos diariamente e complementamos o Cozinha Cidadã com 450 quentinhas/dia, com doações. Há muito mais gente nas ruas, nas praças, embaixo de viadutos. Precisamos garantir ações permanentes —diz Mendonça.

Um dos nós para a elaboração de políticas para a população em situação de rua é justamente a dificuldade em quantificá-la. Como o Censo Demográfico realizado pelo IBGE é domiciliar, parcela dos cidadãos mais vulneráveis não entra no perfil social do país. Em junho de 2020, o Ipea fez uma estimativa nacional com base em registros assistenciais, indicando que essa população passou de 92.515 pessoas, em setembro de 2012, para 221.869, em março de 2020. Um aumento de 140%.

Por lei, São Paulo faz a cada quatro anos um raio-x das pessoas sem moradia. Em 2019, a empresa contratada (a mesma deste ano) cravou 24.344 pessoas. Dessas, 11.693 acolhidas em abrigos. ONGs da área disputaram métodos e números, apontando um universo de 33 mil pessoas.

Por conta da pandemia, antecipou-se o Censo que, informa a prefeitura, “já está em andamento”. O MEPSR aponta hoje 66.280 moradores de rua em São Paulo. O que também equivale ao total de moradores de Pinheiros, na Zona Oeste, uma das áreas mais nobres da capital. O cálculo considera os atendimentos feitos para documentação e marmitas.

Pesquisadora do Centro de Estudos da Metrópole da USP, Juliana Reimberg diz que políticas públicas permanentes devem focar uma população em situação de rua que mudou de perfil nos últimos anos:

—Ela aumenta exponencialmente nas ruas de São Paulo pela crise econômica. Eles já morrem de frio, agora também irão morrer de fome?

A nutricionista Fernanda Sabatini, também da USP, lembra que, com a insegurança alimentar em alta desde 2017, o estado tem a obrigação de garantir as refeições das pessoas em situação de rua:

—A fome não define essas pessoas, ela define o país e nossas prioridades políticas e sociais.

Agravamento.

Barracas na Praça Marechal Teodoro: Prefeitura informa que Censo de população em situação de rua está em andamento e movimento estima que elas já ultrapassam 66 mil pessoas



Miséria sob o viaduto. Pessoas dormindo embaixo do Minhocão são rotina



Fila da fome. Centenas de pessoas buscam marmitas distribuídas em projeto